

# **PESQUISA-AÇÃO: um relato de experiência**

**Bruna Santana Anastácio<sup>1</sup>**

## **1 INTRODUÇÃO**

O objetivo deste ensaio é compartilhar uma experiência discente que relacionou o conhecimento científico com uma prática de aprendizagem por meio de uma brincadeira temática relacionada ao tema estudado: a metodologia da pesquisa-ação. Esta experiência aconteceu com a turma de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina na linha Educação e Comunicação (ECO), cujos mestrandos entraram no segundo semestre de 2014 e estão começando a apropriação dos conteúdos relacionados às metodologias de suas futuras pesquisas. Como ementa da disciplina de Seminário de Dissertação da linha Educação e Comunicação (ECO), os mestrandos deveriam apropriar-se das metodologias de pesquisa do campo acadêmico. Ao se fazer pesquisa, deve-se relacionar as metodologias que se adaptam ao tema estudado e como se vislumbra colocá-las em prática. A turma de mestrandos foi dividida e o tema da pesquisa-ação ficou sob minha responsabilidade.

## **2 O CONHECIMENTO CIENTÍFICO: PESQUISA-AÇÃO**

No campo da pesquisa-ação há muitos estudos que analisam o caráter e as implicações desse tipo de pesquisa que visa transformar o contexto. A referência que serviu como pano de fundo

---

<sup>1</sup> Graduada em Educação Física (licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha Educação e Comunicação. E-mail: [brunaanastacio@hotmail.com](mailto:brunaanastacio@hotmail.com)

para este relato foi a obra *Metodologia da Pesquisa-ação*, de Michel Thiollent (1988). O autor possui experiência na área de estudos organizacionais e metodologia de pesquisa qualitativa, atuando principalmente nos seguintes temas: pesquisa-ação, cooperação, métodos de pesquisa e de extensão.

A metodologia da pesquisa-ação busca a compreensão e a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, e trabalha na faixa intermediária entre o contexto microssocial (pequenos grupos) e o contexto macrossocial (sociedade). Esse tipo de pesquisa analisa as diferentes formas de ação e privilegia a pesquisa empírica por meio de observações e ações em meios sociais.

Thiollent (1988) define pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. A pesquisa-ação é vista como forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares e possui um compromisso reformador e participativo. Uma pesquisa pode ser classificada como pesquisa-ação quando houver realmente a ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema em observação. Além disso, é preciso que seja uma ação não trivial, isto é, uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida.

Há uma preocupação grande por parte do autor em ampliar o olhar dos pesquisadores sobre a pesquisa participante e a pesquisa-ação. Normalmente, estas são usadas como sinônimos, porém são tipos diferentes de pesquisa. A pesquisa-ação supõe uma nova forma de ação planejada de caráter social, educacional, técnico ou outro, e a pesquisa participante é baseada numa metodologia de

observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com os grupos investigados.

Toda pesquisa-ação é de tipo participante, pois a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária. No entanto, nem toda pesquisa participante é pesquisa-ação, pois esta última denota um caráter transformador.

Estabelecendo-se relações com a pesquisa convencional, constata-se que nesta não há participação de pesquisadores juntamente com os usuários ou com as pessoas da situação observada. Além disso, sempre há uma distância entre os resultados de uma pesquisa convencional e as possíveis decisões ou ações decorrentes. Nesse tipo de pesquisa, são privilegiados os aspectos individuais, tais como opiniões, atitudes, motivações, comportamentos etc. Na pesquisa-ação, é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação.

Quanto à participação do pesquisador, este deve desempenhar um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Em contrapartida, somente a participação do pesquisador não qualifica a especificidade da pesquisa-ação, que consiste em organizar a investigação em torno da concepção, do desenrolar e da avaliação de uma ação planejada. Não se trata de simples levantamentos de dados ou de relatórios a serem arquivados; os pesquisadores pretendem desempenhar papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Dos objetivos da pesquisa-ação, levanta-se, sobretudo, o caráter “instrumental”; isso acontece quando a pesquisa tem um propósito limitado à resolução de um problema prático de ordem

técnica. Nesse caso, o objetivo da pesquisa-ação é principalmente voltado para a produção de conhecimento que não seja útil apenas para a coletividade considerada na investigação local.

Na pesquisa-ação se devem manter algumas condições de pesquisa e algumas exigências de conhecimentos associadas ao ideal científico. Segundo Thiollent (1988), o grande desafio metodológico consiste em fundamentar a inserção da pesquisa-ação dentro de uma perspectiva de investigação científica, concebida de modo aberto, e na qual “ciência” não seja sinônimo de “positivismo”, “funcionalismo” ou de outros “rótulos”. Há objetivos práticos de natureza imediata, como o de propor soluções quando for possível e acompanhar ações correspondentes, ou fazer progredir a consciência dos participantes no que diz respeito à existência de soluções e obstáculos. Todos esses objetivos práticos não nos devem fazer esquecer que a pesquisa-ação possui também objetivos de conhecimento que, para Thiollent (1988), fazem parte da expectativa científica própria das ciências sociais. Consideramos que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.

Do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é a proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional, processamento de dados, experimentação etc. Ao utilizá-la, introduz-se uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta. Outra qualidade da pesquisa-ação consiste no fato de que as populações não são consideradas como ignorantes e desinteressadas, levando-se a sério o saber espontâneo.

Thiollent (2009) crítica as pesquisas que não passam de coleção de dados sem valor algum. Nesse sentido, diz o autor que a

cientificidade e a objetividade pretendidas na pesquisa-ação não têm o mesmo caráter que nas pesquisas de cunho positivista. Na pesquisa-ação é importante que “os pesquisadores e os demais participantes cheguem a aceitar como resultados as informações que se revelam mais adequadas tanto do ponto de vista teórico como do prático” (THIOLLENT, 2009, p. 18).

Em alguns momentos da leitura da obra *Metodologia da Pesquisa-ação* nos perguntamos em que nomenclatura esta se enquadra: É um método? Uma técnica? Uma metodologia? O autor explica que a pesquisa-ação não é considerada uma metodologia, mas um método, ou uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas da pesquisa social, com a qual se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa no concerne à captação de informações.

Com a pesquisa-ação pretende-se alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social. Sua função política está intimamente relacionada ao tipo de ação proposta e aos atores considerados, de modo que a investigação está valorativamente inserida numa política de transformação. Aspectos como a moralidade, na pesquisa-ação, dependem sobretudo da ação considerada e dos meios de investigação mobilizados. Essa estratégia de pesquisa nunca é livre de valores, e essa questão é abordada de modo explícito, dando lugar à discussão entre pesquisadores e a grupos interessados pela investigação e pela ação.

A pesquisa-ação é inovadora do ponto de vista científico somente quando é inovadora do ponto de vista sócio-político, isto quer dizer, quando tenta colocar o controle do saber nas mãos dos grupos e das coletividades que expressam uma aprendizagem coletiva tanto na sua tomada de consciência como no seu comprometimento com a ação coletiva. (ZUÑIGA, 1981 apud THIOLLENT, 1988 p. 45).

Na pesquisa prática, a pesquisa-ação é frequentemente vista desde uma concepção empirista da pesquisa social, na qual não haveria muitas implicações teóricas. Bastaria o “bom senso” dos pesquisadores e a sabedoria popular, participantes na identificação de problemas concretos e na busca de soluções. De modo geral, podemos considerar que o projeto da pesquisa-ação precisa ser articulado dentro de uma problemática com um quadro de referencial teórico adaptado aos diferentes setores da sociedade. No que diz respeito à teoria, seu papel consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações. Na pesquisa-ação recorre-se a técnicas de coleta de grupo e aos mais diversos procedimentos, inclusive questionários e entrevistas, que frequentemente são vistos com alguma suspeita por serem instrumentos importantes da pesquisa convencional.

Em função das exigências da ação em torno da qual se desenrola a investigação, a capacidade de aprendizagem é aproveitada e enriquecida na pesquisa-ação – tanto pesquisadores como participantes aprendem durante o processo de investigação, discussão e resultados. Os estudos das relações entre saber formal e saber informal visam estabelecer a estrutura de comunicação entre dois universos culturais: o dos especialistas e o dos interessados.

### **3 PRÁTICA DE APRENDIZAGEM**

Após a apresentação sobre a pesquisa-ação, utilizando como principal autor Michel Thiollent, realizou-se uma experiência enriquecedora para os mestrandos recém-chegados no programa de pós-graduação em Educação, ao qual se vincula a linha de pesquisa Educação e Comunicação. A autora planejou a experiência de modo que os participantes da brincadeira temática pudessem relacioná-la com os conteúdos apresentados anteriormente. Cada participante recebeu uma cor, a partir da qual se definia o seu papel na atividade.

As cores foram divididas da seguinte forma: vermelho representava os participantes do contexto social; azul representava o pesquisador; e verde representava o problema de pesquisa. Todos os mestrandos estavam organizados em círculo, de maneira que cada um pudesse fazer contato visual com os demais. A atividade é conhecida como a brincadeira do “detetive”, e a temática da pesquisa-ação impulsionou as relações entre as cores e o desenrolar da dinâmica. O mestrando com a cor verde deveria atuar sobre o contexto social (cor vermelha) por meio de piscada de olhos. Cada participante do contexto (cor vermelha) deveria perceber esse sinal do colega que representava o problema de pesquisa (cor verde), que, uma vez percebido, abaixava levemente a cabeça sinalizando a saída da atividade. O pesquisador (azul) tinha a tarefa de atuar sobre o problema de pesquisa (verde) e deveria descobrir qual colega – que representava o problema de pesquisa (verde) – estava atuando sobre o seu contexto social (cor vermelha). O desenrolar da atividade foi muito interessante, pois os colegas mestrandos conseguiram identificar as relações da atividade com o tema da pesquisa-ação apresentado. Os *feedbacks* sobre a dinâmica foram enriquecedores e importantes para a construção das metodologias de nossas futuras pesquisas.

#### **4 CONCLUSÃO**

O compartilhamento dessa experiência visa trazer à tona a importância da relação entre teoria e prática. Os conhecimentos científicos devem ser vinculados a uma experiência marcante para os nossos “alunos”, para que estes façam as associações necessárias para a melhora da aprendizagem e o entendimento do assunto abordado em sala de aula. A partir de uma simples brincadeira temática, conseguiu-se despertar nos colegas mestrandos uma conexão com a realidade com grande relevância para sua aprendizagem.

O *feedback* que nos foi dado pelos participantes indicou que a relação entre o tema apresentado e a prática por meio da brincadeira temática foi bem estruturada. Utilizaram-se três elementos importantes da pesquisa (problema de pesquisa, pesquisador e contexto social) e estruturou-se a brincadeira usando como base a metodologia da pesquisa-ação e demonstrando como o papel do pesquisador é importante, pois ele atua no contexto social sempre trabalhando o problema de pesquisa.

Ressalta-se a importância desses estímulos diferenciados para amparar a aprendizagem nas ocasiões em que o tema é denso e extenso, como é o caso quando se trata de uma metodologia de pesquisa. Os estímulos podem variar num universo de possibilidades como brincadeiras, dinâmicas, audiovisuais, entre outros. O professor deve estar atento no sentido de ser o promotor dessas associações importantes para os alunos, a fim de promover um entendimento do tema estudado e uma compreensão profunda sobre o assunto sem retirar os “pés da realidade”.

## REFERÊNCIAS

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Recebido em 17/05/2015

Aprovado em 15/05/2015